

SUBSÍDIOS PARA UMA LEITURA INTERTEXTUAL DE TRANSFIGURAÇÕES DE ANTÓNIO FEIJÓ

Transfigurações, obra publicada em 1882, é geralmente considerada, inclusivamente pelo próprio autor¹, como uma recolha de primeiros versos. São textos elaborados enquanto estudante de Coimbra, que nos parecem, no entanto, importantes para um estudo preciso da trajectória poética de António Feijó.

Creemos poder afirmar-se que, ainda que de forma embrionária e portanto susceptíveis de ulteriores desenvolvimentos, se encontram em *Transfigurações* os elementos que concorrem para uma difícil filiação estética da obra poética do autor².

Estas notas não pretendem, de forma alguma, incidir sobre a totalidade da obra de António Feijó, mas apenas, estudando *Transfigurações* numa perspectiva intertextual, contribuir para o seu melhor conhecimento.

Transfigurações integra sete composições antecedidas de um pequeno prefácio:

«Contemplações» de 1878, com citações em epígrafe de Schopenhauer (*Pensées et Fragments*, tradução de Bourdeau), «Pantefismo», com dedicatória

¹ Cf. FEIJÓ, António — *Poesias Completas*, Lisboa, Livraria Bertrand s/d.

² O percurso poético de Feijó não é facilmente qualificável.

Cf. MOURÃO-FERREIRA, David — *Tópicos de Crítica e de História Literária*, Lisboa, União Gráfica, 1969, p. 233 «...é um daqueles poetas que dificilmente podem filiar-se nesta ou naquela escola, neste ou naquele movimento: visceralmente romântico, no que se refere à preferência por certos temas — a noite, o outono, a morte — foi todavia um clássico pela cultura, pela disciplina, pelas exigências de perfeição formal; por outro lado, tendo despertado para a criação poética em plena efervescência realista e parnasiana, um tanto sob a asa de Junqueira, não menos sob o signo de João Penha, a breves trechos se vai mostrando, contudo, progressivamente permeável às diferentes sugestões do simbolismo — de um vago simbolismo que a princípio procura satirizar, mas em cujas malhas de indefinível sortilégio se deixa envolver...».

Cf. ainda MAGALHÃES, Luís — *Prefácio a FEIJÓ, A. — Sol de Inverno*, Paris — Lisboa, Liv. Aillaud e Ertrand, 1922, p. 15 «...Por esse tempo as influências dominantes estavam num momento de transição. Passava-se do romantismo grandiloquente e hiperbólico de Hugo, da apaixonada e veemente sensibilidade de Musset, do satanismo artificial e elegante de Baudelaire para a arte plástica, escultural e rutilante do parnasianismo...».

Dos nossos admirava-se entusiasticamente, João de Deus, Antero, Junqueiro, Gomes Leal e apreciava-se com delírio Penha e Gonçalves Crespo...

O espírito de Feijó vasou-se nestes moldes e reflectiu as fases dessa evolução do gosto literário. Mas com o tempo, a sua individualidade caracterizou-se e marcou com forte relevo o seu perfil».

Cf. ainda PEREIRA, José Carlos Seabra — *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, Coimbra, 1975, pp. 114-115 «...o descritivismo e o pendor alegorizante consumam a

a Luís de Magalhães e citação em epígrafe de Spinoza (*Opera Phostuma*), «Ahasverus» de 1881, com a indicação «Do poema inédito — A Via Dolorosa» e com citações em epígrafe de Victor Hugo — *L'Année Terrible* e de Herbert Spencer — *Introduction à la Science Sociale*, «Sacerdos Magnus»—1881, em epígrafe versos de *Camões-Lusíadas*, C.II,st.113 e «Esboço de Epopéia», com o subtítulo «O Homem» de 1882 e citações em epígrafe de Victor Hugo — *L'Année Terrible* e Herbert Spencer — *Introduction à la Science Sociale*³.

Feijó cita, em epígrafes aos seus versos, Victor Hugo ao lado de Herbert Spencer, Leopardi, Schopenhauer, Baudelaire, Spinoza, Camões e Littré.

Victor Hugo e Herbert Spencer são citados duas vezes: o primeiro através de versos extraídos de *L'Année Terrible*, o segundo, do texto da *Introduction à la Science Sociale*⁴. Leopardi, Littré, Baudelaire, Spinoza, Schopenhauer e Camões são-no apenas uma vez, não havendo, no que diz respeito aos dois primeiros, qualquer indicação da obra referida⁵.

No prefácio que escreveu para *Transfigurações*, afirma o poeta: «Quis arquivar, num volume, os versos escritos dos 18 aos 22 anos, que mais acen-tuadamente representassem as fases percorridas na evolução filosófica do meu espírito... Daí as sucessivas *Transfigurações* do Sentimento artístico sob a influência de diversas crenças filosóficas, desde o pessimismo de Schopenhauer e Leopardi, o grande poeta da Infelicidade, até às doutrinas largamente proclama-das de Augusto Comte e Herbert Spencer»⁶.

Num trabalho intitulado *Inspirações Filosóficas de António Feijó*⁷, Costa Lopes demonstra, exaustivamente, que o poeta conheceu obras de filósofos positivistas, discutindo se o positivismo que marcou António Feijó foi o contismo

direcção estética de *Transfigurações*» e «...outros aspectos de *Líricas e Bucólicas* estão já pró-ximos da lírica dacadentista».

Cf. ainda RAMOS, Feliciano — *Eugénio de Castro e a Poesia Nova*, Lisboa, Ed. da Rev. Ocidente, 1943, cap. VIII, «Duas Experiências Poéticas: «Sol de Inverno», de António Feijó e Sonetos» de Florbela Espanca».

Cf. ainda FERREIRA, António — *Elogio Regionalista de António Feijó*, Porto, Com-panhia Portuguesa Ed., 1928, p. 10.

Cf. ainda MACHADO, Álvaro Manuel — *Introdução, bibliografia e notas a FEIJÓ, António — Sol de Inverno seguido de Vinte Poesias Inéditas*. Imp. Nac. Casa da Moeda, 1981, p. 23 «Se até ao Cancioneiro Chinês a obra de António Feijó é já uma oscilação constante entre tendências diversas e diversamente sobrepostas, de Victor Hugo e Leopardi a Théophile Gautier, Leconte de Lisle a Baudelaire, da verborreia e épica ultra-romântica à sugestão pré-simbolista passando pelo rigor parnasiano tal indefinição permanece até ao fim, ou seja até *Sol de Inverno* e *Novas Bailatas*, obras póstumas».

³ Cf. FEIJO, A. — *Poesias Completas*, Lisboa, Liv Bertrand, s/d, pp. 10-43.

⁴ Tradução de *Study of Sociology*. Cf. LOPES, A. da Costa — *O Pessimismo Filosófico de António Feijó* in «Revista Portuguesa de Filosofia», Tomo XVIII e *Inspirações Filosóficas de António Feijó* in «Cenáculo», 2.ª série, IX (1969-1970), pp. 195-199.

⁵ Na obra citada na nota 4, Costa Lopes demonstra que se trata, no que diz respeito a Littré de *Préface d'un disciple*, escrito por este para a reedição de *Cours de Philosophie Positive de Comte*. Quanto a Leopardi, a citação pertence, ainda segundo Costa Lopes, à obra *Sopra il monumento di Dante*, verso 120.

⁶ FEIJO, A. — *op. cit.*, p. 11.⁷

Cf. *op. cit.*, nota 4.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

ortodoxo ou o positivismo mais ou menos independente de Littré⁸ e prova que o poeta terá conhecido, directa ou indirectamente, as teorias de Schopenhauer e as obras de Leopardi, não esquecendo as referências a Bauletaire.

Outros autores⁹ assinalam a importância de Victor Hugo, ainda que «via Guerra Junqueiro»¹⁰, frisando no entanto, a tutela deste último e de João Penha sobre António Feijó¹¹.

Sem colocar em questão as «influências» que o poeta terá recebido de João Penha e Guerra Junqueiro, ou o conhecimento que poderá ter tido de filósofos positivistas e pessimistas, cremos poder afirmar que, no que diz respeito a *Transfigurações*, a via que se nos afigura mais produtiva é a leitura intertextual de António Feijó e Victor Hugo.

Como atrás verificámos, António Feijó cita Victor Hugo, em epígrafe, apenas duas vezes: são versos de *VAnnée Terrible* apostos a «Ahasverus» e «Esboço de Epopeia». No entanto, são os textos de *Les Rayons et les Ombres* (1840), *Les Voix Intérieures* (1837) e principalmente *La Légende des Siècles* (1859) que nos parecem estar por trás de todas as composições de *Transfigurações*¹².

Começemos pelos poemas em que Victor Hugo é directamente citado:

«Ahasverus» (1881) e «Esboço de Epopeia» (1882); «Ahasverus» integra a indicação «Do poema inédito — A Via Dolorosa» e cita de *L'Année Terrible* «La route du progrès c'est le chemin des tombes» e de *Introduction à la Science Sociale* de Herbert Spencer¹³ ... «cette marche ne peut être abrégée; il faut la suivre avec la patience nécessaire». «Ahasverus» é um hino à marcha heróica do Progresso: «O Progresso brotou da luta universal! /Como dum grande abismo após um longo abalo ... Caminha, embora sinta o coração exangue. /Leva o manto glorioso enodado em sangue. /Cavaleiro sombrio é ele que conduz /A Humanidade escrava às regiões da luz /Da civilização na estrada luminosa ... /Chama-se aquela estrada a *Via Dolorosa*».

«Esboço de Epopeia» de 1882, tematicamente semelhante a «Ahasverus», cita também de *L'Année Terrible* «Tous les hommes sont l'Homme, un seule peupleç un seul Dieu!» e de Herbert Spencer, «... on devient convaincu que l'avenir lointain tient en réserve des formes de vie sociales supérieures à tout ce que nous avons jamais imaginé ...».

Também aqui, um heróico Aventureiro arremessa «... o Passado às trevas da mortalha /Montado no corcel nervoso da Vitória /E forte como um deus, cheio de crença e glória ...» se inunda «... na luz intensa do Futuro».

⁸ Cf. COSTA LOPES, *op. cit.*

⁹ Cf. MOURÃO-FERREIRA, D., *op. cit.*, p. 233; MAGALHÃES, L., *op. cit.*, p. 15; MACHADO, A. M., *op. cit.*, pp. 23-24; FERREIRA, A., *op. cit.*, pp. 10-11.

¹⁰ Cf. especialmente MACHADO, A. M., *op. cit.*, p. 17.

¹¹ Cf. MOURÃO-FERREIRA, D., *op. cit.*, p. 233.

¹² Referimo-nos, no que diz respeito a *La Légende des Siècles*, ao texto de 1859, isto é à primeira série, ainda que tomemos em conta as séries de 1877 e 1883, se bem que a última seja posterior à 1.ª edição de *Transfigurações*.

¹³ Cf. nota 4.

Basta atentar nos subtítulos de «Esboço de Epopeia», «O Homem» e de «Ahasverus», «(Do poema inédito — A Via Dolorosa)», para que se estabeleçam relações imediatas com textos de Victor Hugo, não tanto de *L'Année Terrible*¹⁴, mas, fundamentalmente, de *La Légende des Siècles*, cuja primeira série é de 1859¹⁵.

Nas palavras de Victor Hugo¹⁶, *La Légende des Siècles* é «l'épopée humaine âpre, immense, écroulée». Pretende-se «Exprimer l'humanité dans une espèce d'oeuvre cyclique: la peindre sucessivement et simultanément sous tous ses aspects, histoire, fable, philosophie, religion, science...; faire apparaître... cette grande figure une, multiple, lugubre et rayonnant, fatable et sacré, l'Homme»¹⁷.

Victor Hugo entendia a sua obra como um conjunto de pequenas epopeias, segundo aliás um título primitivo¹⁸, organizadas através de um fio condutor, o Progresso, que, por sua vez, se integrariam num conjunto mais vasto, a epopeia da Criação.

António Feijó, ainda que citando *L'Année Terrible*, chama a composições em que canta o Homem, como elemento fundamental do Progresso, por um lado «Esboço de Epopeia» (lembremos o primitivo título de *Légende des Siècles: Petites Epopées*), atribuindo-lhe o subtítulo: o Homem, por outro, «Ahasverus», fornecendo a indicação «(Do poema inédito — a Via Dolorosa)» e terminando o texto da seguinte forma: «Caminha, embora sinta o coração exangue ... ele que conduz /A Humanidade escrava as regiões da luz /Da civilização na estrada luminosa ... /Chama-se aquela estrada a *Via Dolorosa*».

Atentemos, especificamente, na composição de *La Légende des Siècles*, «Le Satyre»: «Tout en parlant ainsi, le satyre devient plus grand d'abord que Polyphème ... L'espace immense entra dans cette forme noire /Et, comme le marin voit croître un promontoire, /Les dieux dressés voyant grandir l'être effrayant; /Sur front blémisssait un étrange orient; /... Sa poitrine terrible était pleine d'étoiles. /Il cria: «L'avenir tel que les cieus le font, /C'est l'élargissement dans l'infini sans fond, /C'est l'esprit pénétrant de toutes parties la chose! ... Liberté, vie et foi sur le dogme détruit! /Partout une lumière et partout un génie! ... Place à tout! Je suis Pan; Jupiter! à genoux!»

Afiguram-se-nos claras, as relações intertextuais entre o texto transcrito e o seguinte extracto de «Esboço de Epopeia»: «Como a águia que desprende o vôo triunfal, o Espírito Poeta errante e vagabundo/ ... Procurou descobrir a procedência, a origem do ciclope imortal que passa na vertigem/ ... E viu-o numa noite esplêndida e calma /Em que o luar manchava a limpidez cerúlea, /Desenhando no espaço a perspectiva hercúlea, /De pé, sobre um penhasco erguido à beira-mar ... Como o grito sublime e ardente dum profeta /No deserto pregando às tribos orientais, /Ecoaram pelo espaço as notas

¹⁴ Lembremos a temática de *L' Année terrible*, à volta da derrota da Comuna de Paris (1872).

¹⁵ Cf. nota 12.

¹⁶ HUGO, V. — *La Légende des Siècles*, Paris, Fasquelle Éditeuri. s/d. pp. 3-6.

¹⁷ Cf. HUGO, V., *op. cit.*, pp. 3-4.

¹⁸ HUGO, V., *op. cit.*, pp. 9-10.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

marciais /Deste canto febril de guerra e de vitória: Venho das solidões fantásticas da História/ ... E forte como um deus, cheio de crença e glória, /Inundo-me na luz intensa do Futuro».

Algo de semelhante acontece em «Ahasverus»: «O Progresso brotou da luta universal! Como dum grande abismo após um longo abalo. /E desde então, montando o seu feroz cavalo. /Ninguém, ninguém jamais o pôde subjugar ... /Não sei que imensa luz, que estrela singular /O guia pela estrada a iluminar-lhe a frente /À medida que sobe alargar-se o horizonte. /Na montanha da Vida onde caminha, os céus /Estão mais perto já, está mais perto Deus».

«Ahasverus» (Do poema inédito — a *Via Dolorosa*) e «Esboço de Epopeia» aparecem como contribuições para uma obra mais vasta, provavelmente à maneira da *Légende des Siècles*: «Ahasverus»¹⁹ faria parte de um poema mais amplo, a *Via Dolorosa* («Da Humanidade escrava às regiões da luz /Da civilização na estrada luminosa ... /Chama-se aquela estrada a *Via Dolorosa*) e o próprio título «Esboço de Epopeia» pode apontar, ou pelo menos indiciar uma posterior epopeia efectiva.

Não é, no entanto, apenas nestas composições em que Hugo é explicitamente citado, que a leitura intertextual, para que atrás apontámos, nos parece produtiva.

Aliado à temática do progresso, um outro aspecto ressalta de *Transfigurações*: a importância atribuída ao papel do poeta, em «A morte do Ideal»²⁰ «Panteísmo»²¹, «Esfinge eterna»²², «Sacerdos Magnus»²³ e também «Esboço de Epopeia»²⁴, isto é, em todas as composições que integram *Transfigurações*, com excepção de «Ahasverus» e «Contemplações», surge o poeta-génio²⁵, o Poeta, visionário, arauto, profeta...

Em «A morte do ideal» de 1878, Feijó cita em epígrafe Schopenhauer: «Le bonheur est donc toujours dans l'avenir ou dans le passé, et le présent est comme un petit nuage sombre que le vent promène sur la plaine ensoleillée; devant lui, derrière lui, tout est lumineux, lui seul jette toujours une ombre»²⁶. O texto lamenta «A rude legião dos vícios e do crime», assinalando, no entanto, ao Poeta, a função de lutar em nome «do Futuro»: «E o Poeta que vai sempre de lança em riste /A frente, combatendo o que há de velho e triste, /Depois de ter extinto o apodrecido Ideal /Da nossa sociedade — a adoração do Mal — /Sobre as ruínas, de pé, lama do monturo, /Aguarda a aparição das bandas do Futuro!»²⁷.

¹⁹ Na composição «Ahasverus» o progresso é personificado por um homem do mesmo nome; notemos as palavras de Hugo «Le genre humain, considere comme un grande individu collectif accomplissant d'époque en époque une série d'actes sur la terre, a deux aspects, l'aspect historique et l'aspect légendaire».—Cf. HUGO, V.—*La Légende des Siècles*, Paris, Fasquelle ed., s/d.

²⁰ FEIJÓ, A., *op. cit.*, pp. 16-21.

²¹ FEIJÓ, A., *op. cit.*, pp. 21-24.

²² FEIJÓ, A., *op. cit.*, pp. 24-31.

²³ FEIJÓ, A., *op. cit.*, pp. 33-42.

²⁴ FEIJÓ, A., *op. cit.*, pp. 42-48.

²⁵ Sobre a importância do conceito «Poeta-Génio» veja-se ABASTADO, Claude — *Mythes et Rituels de l'Écriture*, Bruxelles, Éditions Complexe, 1979.

²⁶ Feijó refere a tradução de Bourdeau de *Pensées et Fragments*.

²⁷ Cf. FEUO, A., *op. cit.*, p. 20.

Em «Panteísmo», o poeta afoga «o olhar na vasta imensidade» sentindo-se «penetrar /Dum êxtasis sublime, num vago misticismo...» «...O visionário tem um pálido reflexo /Do espírito Imortal, do Espírito de Deus, /E na contemplação tão íntima dos céus, /Há muito de comum nas almas dos poetas /E no espírito ardente e forte dos profetas, /Que altivos como heróis, alucinados, sós /Lançam por toda a parte a sua férrea voz /Rasgando do futuro o tenebroso arcano»²⁸.

Uma voz pede ao Poeta, na composição «Esfinge Eterna», que não desespere, pois os seus «olhos febris, cavados e profundos, /Hão-de arrancar talvez o místico segredo /às convulsões do mar e às vozes do arvoredado!»²⁹.

Em «Sacerdos Magnus», poema declamado em Coimbra, na véspera da inauguração do monumento a Camões,³⁰ e depois incluído em *Transfigurações*, o poeta é «génio poderoso» cujo olhar «assombra e tem a propriedade /Que faz sair da treva a intensa claridade /Que nos deslumbra e eleva às regiões do Ideal: /o Infinito aumentando as percepções do Real!».

Em «Esboço de Epopeia», é ao Poeta que o Progresso fala «Como a água que desprende o vôo triunfal, o Espírito do Poeta errante e vagabundo...»³¹.

Claude Abastado, em *Mythes et Rituels de l'Écriture*³², sustenta que a ideia do génio, como marca fundamental do poeta, se vai progressivamente elaborando, ao longo do século XVIII, e se desenvolve durante os primeiros anos do séc. XIX, nos meios intelectuais franceses. Considera ainda que, na sequência das metafísicas post-Kantianas, esta noção sofre modificações, durante o mesmo século, fundamental através do discurso filosófico de Schopenhauer e Hartmann³³, já que, a ideia de inconsciente «fait éclater les limites de l'individuel et disperse la créativité en un principe cosmique qui est indistinctement vie et pensée»³⁴.

Creemos que, apesar de uma citação de Schopenhauer e outra de Baudelaire, o poeta presente, nos textos de *Transfigurações*, é o poeta-génio das obras de Victor Hugo.

Já em 1824 no prefácio a *Nouvelles Odes*³⁵, Hugo assinala ao poeta uma missão: «Quand | la parole de Dieu | a cesse de tourner dans les événements | les poètes | la font éclater dans leur inspiration, et c'est ainsi que les enseignements cèlestes se continuent par des chants».

O poeta surge como alguém que deve caminhar diante dos povos, indicando luminosamente o caminho.

²⁸ Cf. FEIJO, A., *op. cit.* pp. 21-24. ²⁹

Cf. FEIJO, A., *op. cit.*, pp. 22-23.

³⁰ Vejam-se as aproximações feitas por Costa Lopes, no trabalho citado na nota 4, entre «Sacerdos Magnus» e a obra de Ramalho Ortigão *Louis de Camoens. La Renaissance et les Lusitades*.

³¹ Cf. FEIJO, A., *op. cit.*, p. 42.

³² Cf. ABASTADO, C, *op. cit.*, cap. V «Génialité».

³³ Cf. ABASTADO, C, *op. cit.*, p. 169.

³⁴ Cf. ABASTADO, C, *op. cit.*, p. 167.

³⁵ HUGO, V. — *Nouvelles Odes*, Paris, Fasquelle Éditeurs, s/d.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

As passagens de *Transfigurações* que acima citámos ³⁶ parecem extraordinariamente próximas do prefácio ³⁷ de *Les Voix Intérieures* (1837): «Si l'homme a sa voix, si la nature a la sienne, les événements ont aussi la leur [...], la mission du poète est de fondre en un même groupe de chants ce triple enseignement»; o mesmo acontece com a composição «Stella», incluída em *Les Châtiments*: «O nations! Je suis la Poésie ardente!... Car celui qui m'envoie en avant le première, /c'est l'auge liberté, c'est le géant lumière!».

Em *Les Rayons et les Ombres* (1870) a função do poeta torna-se tema dominante «Peuples! écoutez le poète! Écoutez le rêveur sacré! /Dans votre nuit, sans lui complète, /Lui seul a le front éclairée. /Des temps futurs perçant les ombres, /Lui seul distingue en leurs flancs sombres /Le germe qui n'est pas éclos»... «Dieu parle à voix basse à son âme...» «...Il rayonne! Il jette sa flamme /sur l'éternelle vérité!...» ³⁸.

Tal como o Poeta dos textos de Hugo é «rêveur sacré», tem «le front éclairée», «rayonne», «jette sa flamme», «prépare les jours meilleurs» e deve «faire flamboyer l'avenir» assim o Poeta que emerge de *Transfigurações*, como atrás demonstrámos, «vai de lança em riste», «rasga do Futuro o tenebroso arcano», o seu olhar «assombra e tem a propriedade /Que faz sair da treva a intensa claridade /Que nos deslumbra e eleva às regiões do Ideal /o Infinito aumentando as percepções do Real!» ³⁹.

Outros aspectos poderiam concorrer para sustentar o interesse de uma leitura intertextual, que aproxime *Transfigurações* de textos de Victor Hugo.

O primeiro poema «Contemplações», embora citando em epígrafe Leopardi e Baudelaire criaria, provavelmente, num leitor da época, a expectativa de algo que se encontrasse mais próximo de Hugo, já que o título remetia para uma das suas obras, *Les Contemplations*, que de Leopardi ou Baudelaire. E, na verdade, o poema de Feijó, ainda que remeta para a temática baudelaireana da cidade «hôpital, lupanar, pergatoire» ⁴⁰, parece bem mais próximo, no que diz respeito ao seu desenvolvimento textual e o mesmo acontece com «A Morte do Ideal», de textos pertencentes a *La Fin de Satan*, que no prefácio da *Légende des Siècles*, Hugo considera um dos cantos sobre o problema do Ser visto de uma tripla forma: «L'Humanité — *La Légende des Siècles*, Le Mal — *La Fin de Satan* e l'Infini — *Dieu*» ⁴¹.

Em «Contemplações» considera-se que o «Mal lançou fundíssima raiz», que se desenvolve a «luta entre o Bem e o Mal, a escuridão e a luz» para se concluir que «os símbolos do Mal /Têm sempre para nós a sedução fatal /Da nossa sociedade — a adoração do Mal — /Sobre as ruínas, de pé, na lama do monturo, /Aguarda a aparição do Futuro!».

Tal como indicámos, nas composições anteriormente citadas, relações intertextuais, também aqui poderemos aproximar intertextualmente «Contemplações» e «A Morte do Ideal» de «La Fin de Satan», texto inacabado, onde

³⁶ Cf. notas 29 e 31.

³⁷ HUGO, V. — *Les Voix Intérieures*, Paris, Fasquelle Éd., s/d.

³⁸ HUGO, V. — *Les Rayons et les Ombres*, Paris, Fasquelle Éd., s/d.

³⁹ Cf. FEIJÓ, A., *op. dl.*

⁴⁰ Cf. FEIJÓ, A., *op. cit.*, p. 13.

⁴¹ Cf. HUGO, V. — *La Légende des Siècles*, Paris, Fasquelle Éd., s/d.

Hugo procura demonstrar que o poder do Mal não é eterno e Satan tornar-se-á Lucifer, o arcanjo da luz.

O «satanismo» de Feijó, em *Transfigurações*, aparece bem mais próximo do «Satan» de Victor Hugo, que do satanismo baudelairiano.

Não esqueçamos, como é evidente, que a publicação de *La Fin de Satan* se faz depois da morte de V. Hugo, sendo, portanto, posterior à primeira publicação de *Transfigurações*. A aproximação que pensamos dever fazer-se, preferencialmente, entre o «satanismo» do Feijó e o de Hugo, em detrimento de Baudelaire (em *Transfigurações*), funciona fundamentalmente em termos de projecto: no prefácio à primeira série de *La Légende des Siècles*⁴² podemos ler: «Plus tard, nous le croyons, lorsque plusieurs autres parties de ce livre auront été publiées, on apercevra le lien qui ...rattache *La Légende des Siècles* à deux autres poèmes, presque terminés à cette heure, et qui en sont, l'un le dénouement, l'autre le commencement: *la Fin de Satan, Dieu*.»... «...une sorte de poème... où se rève le problème unique, l'Être sous sa triple face: l'Humanité, le Mal, l'Infini; le progressif, le relatif, l'Absolu; en ce qu'on pourrait appeler trois chants, *La Légende des Siècles, La Fin de Santa Satan, Dieu*.».

Assim, ainda que Feijó não conhecesse os textos de *La Fin de Satan*, o tratamento que Hugo propõe, para a problemática do «Mal», está já indiciado no prefácio de *La Légende des Siècles*.

Ao «Mal», referido em *Transfigurações*, opõe-se uma natureza clara e saudável «Quem nas áureas manhãs do estio, contemplar /As fulvas explosões da aurora a despontar. Sente-se remoçar de lutas de canseiras...», opõe-se o Bem tal como a «escuridão» se opõe à «luz». Estamos perante uma atmosfera bem diferente da baudelairiana...

Convém, notar, e o argumento não parece carecer de importância, que as epígrafes citando Leopardi e Schopenhauer não surgem nas primeiras publicações de «Contemplações» e «A Morte do Ideal», respectivamente, em 1880 e 1879⁴³.

Os textos de V. Hugo parecem, assim, pelo menos em grande parte, fornecer o fio condutor dos poemas integrados em *Transfigurações*.

Aliás, se tivermos em conta, que nas primeiras publicações de «Contemplações» e «A Morte do Ideal» não se nos deparam referências a Leopardi e Schopenhauer, talvez não seja arriscado concluir que os textos de *Transfigurações* privilegiam textos de Hugo, como atrás procurámos demonstrar, e que tais referências indiciam quando muito, caminhos que o poeta se propunha percorrer, ou pretendiam conferir a tais composições alguns laivos de novidade...

⁴² Cf. HUGO, V., *ibid.*, p. 6.

⁴³ Cf. COSTA LOPES, *op. cit.*, pp. 22-24: «Advito, porém, que esta frase não aparece na *Revista de Coimbra*, onde a poesia «Contemplações» foi publicada pela primeira vez em 1880; e, ainda mesmo ao incluí-la nas *Transfigurações* (1882), Feijó, ao contrário do que costuma fazer nessa obra quando transcreve frases de outros autores, não indica o livro de Leopardi a que a frase pertence...» e ainda p. 24 «Creio, porém, que o verdadeiro, directo e terminante influxo do voluntarista alemão na mentalidade de Feijó não é anterior a 1881. A esta afirmação conduzem na verdade as seguintes razões: na *Revista de Coimbra* (1879) a poesia *A Morte do Ideal* não é acompanhada de qualquer citação ou extracto de Schopenhauer».

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

«Contemplações» e «A Morte do Ideal» parecem perfeitamente integráveis num projecto à maneira de *La Légende des Siècles*, já que apontam para uma problemática, que se insere, sem dificuldade, na temática do Progresso--Homem-Poeta-Génio.

Não é difícil que assim seja, se pensarmos na voga que *La Légende des Siècles* teve em Portugal na segunda metade do século XIX. Não é novidade para ninguém, que o chamado «romantismo social», ainda que diversificado, marcou muitos dos autores desta época.

Feijó, assim o cremos, faz perpassar em *Transfigurações*, unidades temáticas em voga, embora as referências a Schopenhauer e Leopardi, ainda que colocadas numa fase posterior à feitura dos textos, possam indiciar outras vias a percorrer ulteriormente...

Zulmira C. Santos